

Artigo | Dossiê *Intelectuais, movimentos políticos e protagonismo popular*

“Não sou um latino de Manhattan, mas um cubano de Havana”: intelectualidade e americanismo nas páginas de *Mariel – Revista de Literatura y Arte*

Ualisson Pereira Freitas, Universidade Federal de Goiás   

Palavras-chave:

Mariel;
exílio;
intelectual.

Resumo. Inicialmente impressa em Miami e mais tarde unificada na cidade de Nova York, a *Revista de Literatura y Arte - Mariel* circulou entre os anos de 1983 e 1985. Com periodicidade trimestral e formato tabloide, a publicação – coordenada por intelectuais cubanos no exílio – tornou-se conhecida por constituir um espaço de expressão literária voltado à alteração das percepções acerca do fenômeno de Mariel, sobretudo a partir de uma postura crítica ao governo castrista. Valendo-se das ideias de *intelectualidade* e *americanismo*, exploradas por Jean-François Sirinelli e José Luis de Diego, respectivamente, este artigo evidencia que a construção do êxodo nas páginas do periódico extrapolam a tópica da contestação revolucionária, engendrando uma arena estética e ideológica onde circunscrevem-se múltiplas alteridades em disputa.

Keywords:

Mariel;
exile;
intellectual.

[EN] *"I'm not a Manhattan latino, but a Havana cuban": intellectuality and Americanism in the pages of Mariel – Revista de Literatura y Arte*

Abstract. Originally printed in Miami and later unified in New York City, the *Revista de Literatura y Arte - Mariel* circulated between the years 1983 and 1985. With a quarterly periodicity and tabloid format, the publication – coordinated by Cuban intellectuals in exile – became known for constituting a space for literary expression aimed at changing perceptions about the Mariel phenomenon, especially from a critical stance towards the Castro government. Drawing on the ideas of *intellectuality* and *Americanism*, explored by Jean-François Sirinelli and José Luis de Diego, respectively, this article shows that the construction of the exodus in the pages of the periodical goes beyond the topic of revolutionary contestation, engendering an aesthetic and ideological arena where multiple alterities in dispute are circumscribed.

Palabras clave

Mariel;
exilio;
intelectual.

[ES] "No soy un latino de Manhattan, sino un cubano de la Habana": *Intelectualidad y americanismo en las páginas de Mariel – Revista de Literatura y Arte*

Resumen. Inicialmente impresa en Miami y posteriormente unificada en la ciudad de Nueva York, la *Revista de Literatura y Arte - Mariel* circuló entre los años 1983 y 1985. Con periodicidad trimestral y formato tabloide, la publicación -coordinada por intelectuales cubanos en el exilio- se dio a conocer por constituir un espacio de expresión literaria destinado a cambiar las percepciones sobre el fenómeno Mariel, especialmente desde una postura crítica hacia el gobierno castrista. A partir de las ideas de *intelectualidad y americanismo*, exploradas por Jean-François Sirinelli y José Luis de Diego, respectivamente, este artículo muestra que la construcción del éxodo en las páginas de este periódico va más allá del tema de la contestación revolucionaria, engendrando un escenario estético e ideológico donde se circunscriben múltiples alteridades en disputa.

Introdução

No momento de sua criação, toda revista é portadora de uma mensagem singular, opositora aos especialistas mais consagrados, e reivindica uma nova cultura, uma nova estética ou uma nova orientação [...] (Pluet-Despatin, 1992, p. 4).

No fragmento de texto selecionado, Jacqueline Pluet Despatin apresenta as revistas como espaço de convergência de itinerários individuais em torno de um credo comum. O texto de onde foi retirado o excerto – originalmente, publicado pela francesa nos cadernos do Instituto de História do Tempo Presente, em Paris – já defendia, desde 1992, que esse formato de publicação periódica constituía-se como desejo de expressão coletiva de determinada *intelectualidade*¹. A revista seria, portanto, uma esfera de sociabilidade capaz de evidenciar os temas em disputa em uma dada conjuntura, isto

¹ Historicamente, a noção de *intelectualidade* esteve ligada à atuação na “esfera política, à atividade cívica e à crítica aos poderes instituídos”, de modo que o conceito só se firmou no século XIX – momento em que a distribuição de jornais e revistas de ampla circulação propiciaram condições materiais de organização da cultura. Com o surgimento da capacidade de “atuar de forma organizada”, o sociólogo Karl Manheim identificava a função do intelectual como uma prática de mediação cultural, empenhada na síntese de ideias de grupos conflitantes. As críticas sobre essa concepção, estabelecidas sobretudo no século XX por Gramsci, evidenciaram, para além da síntese, os interesses que motivavam a ação dos sujeitos (Vieira, 2008, p. 74-79). A intelectualidade é aqui entendida nessa dupla dimensão, entre o mediador cultural e o sujeito engajado. Sobre a conciliação entre as categorias “mediação cultural” e “engajamento” ver: Sirinelli (2003, p. 234).

é, um palco onde se tornariam visíveis os jogos de poder, ou ainda, as relações de força estabelecidas entre distintos setores sociais.

No mesmo ano, ao escrever que “[...] as revistas colocavam a ênfase no público, imaginado como espaço de alinhamento e conflito”, a crítica literária argentina Beatriz Sarlo corroborava com a ideia de que tais periódicos constituíam um lugar de intervenção cultural, de debate estético e ideológico. Ademais, evidenciava que, no contexto da América Latina, a criação e o desenvolvimento dessas revistas estavam ligados a dois fatores basilares: a necessidade e o sentimento de vazio do intelectual (Sarlo, 1992, p. 9).

É a partir dessas concepções – nas quais as revistas são caracterizadas como lócus de intervenção, fronteiras de convergência ideológica, ou ainda, laboratórios do vazio – que o presente artigo propõe analisar a *Revista de Literatura y Arte – Mariel*, produzida e veiculada entre 1983 e 1985 por escritores cubanos expatriados nos Estados Unidos da América. Constituída por uma escrita ressentida, a revista é, tradicionalmente, recordada como espaço de contestação do aparato revolucionário – perspectiva que, apesar de elementar para a compreensão do periódico, enjeita a complexidade do projeto. Com o objetivo de avançar na crítica, dividimos este artigo em três partes. Inicialmente, exploramos no interior da publicação a ação intelectual em torno da tópica do *exílio*². Observamos como essa *rede de sociabilidade intelectual*³ arquitetou

² O exílio é aqui apresentado como uma condição. Ainda que os marielistas tenham optado por deixar Cuba, o fizeram devido às restrições à atividade intelectual e sexual. Logo, a concepção de exílio aqui defendida abdica da noção de autoexílio ou exílio voluntário. Em consonância com as ideias de Said, enfatiza-se no termo a natureza-política do ato de viver fora da nação à qual se pertence, isto é, apresenta o exílio como “[...] alternativa às instituições de massa que dominam a vida moderna” (Said, 2003, p. 57).

³ De acordo com Eduardo Devés Valdés as “redes intelectuais” compreendem a existência de contatos profissionais ao longo de anos entre um grupo de pessoas que se reconhecem como pares e que conscientemente utilizam esses contatos para promover algum tipo de atividade profissional, que pode incluir: circulação de informações, divulgação de seus trabalhos, organização de equipes, criação de periódicos ou instituições e, até mesmo, defesa de interesses empresariais. Isso não significa, contudo, a existência de um campo unívoco ou sem espaços para a multiplicidade de pensamentos e discursos (Valdés, 2004, p. 338).

novas leituras acerca do fenômeno de *Mariel*⁴, valendo-se da cultura popular e abarcando distintos grupos sociais. Em seguida, em consonância com os métodos apresentados por Pita González e Grillo (2015, p. 3), oferecemos maior atenção aos procedimentos adotados pelo corpo editorial, investigando as imagens, tipografia, estrutura financeira e circulação.⁵ Por fim, ao evidenciar nas discussões intrínsecas à revista críticas à ideia de América Latina, situamos os ideários do periódico dentro de um debate que distingue o americanismo e o latino-americanismo.

Cultura popular, exílio e dissonância na “terra de acolhida”: as arestas do projeto intelectual marielista

No ano de 1935 a Warner Brothers lançava o filme *Go Into Your Dance*, estrelado por Al Jolson e Ruby Keeler. Na trilha sonora, *She's a latin from Manhattan* – que se tornaria um grande sucesso nas décadas subsequentes, sendo reavivada nas rádios em 1948 e interpretada por Ann Miller em 1966 – destacava-se entre canções como *About a quarter to nine* e *The little things you used to do*. Produzida por Harry Warren e Al Dubin, e gravada por Johnny Green, com vocal de Jimmy Farrell em Nova York no dia 28 de março de 1935 para a Columbia, *She's a latin from Manhattan* tornava-se quase que, de imediato, um grande HIT nacional. Em 1981, era a vez de Patti LuPone oferecer nova interpretação à composição. A atriz e cantora americana, vencedora do *Tony Award* pela atuação no musical *Evita* em 1979, perpetuava o HIT de refrão memorável:

⁴ O *Êxodo de Mariel* foi um processo de expatriação de cerca de 125 mil cubanos, que partiram de Havana em direção ao porto de Cayo Hueso, refugiando-se majoritariamente nos Estados Unidos da América. Diante de uma crise econômica e política em Cuba – decorrente do *Embargo Comercial Total* e do desenvolvimento do ideal de *Homem Novo* –, entre os meses de abril e setembro do ano de 1980, uma parcela expressiva da população da ilha antepunha-se à dissidência, abandonando o projeto revolucionário (Marques, 2009, p. 141-142).

⁵ Aspectos como o mapeamento das personalidades envolvidas em Mariel, composição literária e função da revista já foram amplamente debatidos. Ver: Drummond (2018).

Is she from Havana or Madrid? / But something about her is making
me doubt 'er / I think I remember the kid, yeah / She's a Latin from
Manhattan /I can tell by her 'Man-ya-na' / She's a Latin from
Manhattan / But not Havana.

Especulando sobre a naturalidade de uma residente nos Estados Unidos, cujo sotaque apresenta características hispânicas, o eu lírico questiona se a personagem é proveniente da Espanha ou de Cuba. A atribuição ao lugar de origem só se transforma com a sugestão de terem se encontrado na infância. Como desfecho, temos a afirmação categórica: “É uma latina de Manhattan/ Não de Havana”.

Replicada por quase meio século em rádios e musicais, a música voltava a ser referenciada, em 1984. A nova interpretação, realizada dessa vez não por um musicista, mas por um intelectual nas páginas da revista *Mariel*, trazia a letra na negativa, em uma espécie de antítese ao HIT tão difundido. Quatro anos após o êxodo que expatriou cerca de 125 mil cubanos, Guillermo Cabrera Infante, em artigo intitulado *Include me out* e publicado no quinto número da revista, opunha-se à expressão “latino-americano”. Se a letra original da canção naturalizava o termo, a paráfrase denunciava os estigmas provocados por ele:

Eu não sou um latino de Manhattan, mas um cubano de Havana [...]. Há algo mais distinto a um cubano que um mexicano? [...] O único país que se parece na América a minúscula ilha em que nasci é esse continente dentro de um continente que se chama Brasil, o enorme gênio dentro de uma garrafa verde. Mas o Brasil não se parece nem com a Venezuela, nem com a Colômbia, nem com o Peru, com os quais fazem fronteira, muito menos com a Bolívia, país feito de estanho. [...] São latinos os haitianos? A América é latina? É latina a palavra latina? Ninguém sabe. Nem se sabe quando se começou a utilizar um termo que parece prestigioso, mas é na verdade uma caricatura⁶.

Na oposição à expressão “latino”, observa-se como argumento a falta de proximidade cultural entre as diferentes nações que são classificadas pelo vocábulo.

⁶ MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, v. 1, n. 5, primavera 1984. Disponível em: <https://americalee2.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>. Acesso em: 15 out. 2025. p. 3.

Se, por um lado, a perspectiva é limitante, visto que a constituição da ideia de América Latina entre 1864 e 1865 não designava apenas um fator cultural, mas uma união política entre diversos países que se opunham à América Saxônica; por outro, a recusa do termo a partir de uma postura de insubmissão demonstra uma preocupação com sua apropriação na segunda metade do século XX⁷; momento em que passou a significar o subdesenvolvimento e inferioridade dos países ao sul dos EUA (Bruit, 2000, p. 9)⁸.

Evidentemente, para os marielitos⁹, expurgados de sua nação de origem e igualmente repudiados na “terra de acolhida”¹⁰, o termo latino não apresentava conotação elogiosa. Culpabilizados em jornais como o *Miami Herald* pelo aumento da criminalidade, violência e desemprego nos Estados Unidos (Marques, 2009, p. 179); referenciados na *Time* como responsáveis pela degeneração da Flórida – representada na capa como um “Paraíso Perdido” – e rechaçados em protestos massivos realizados por estadunidenses e cubanos estabelecidos, esses exilados de 1980 percebiam na expressão “latino” mais uma forma de inferiorização. Se para os cubanos autointitulados pertencentes ao *exílio histórico*¹¹ a letra da canção não causava maiores

⁷ Se a difusão do termo “América” no século XVI evidenciou não a descoberta de um continente, mas a sua invenção, a ideia de “América Latina” emergente no século XIX e ressignificada no século XX, continua a atualizar as disputas de poder empreendidas em um mundo marcado pela história colonial (Mignolo, 2005, p. 135).

⁸ As primeiras aparições do termo “América Latina” em obras acadêmicas datam de 1864 e 1865 nos escritos do argentino Carlos Calvo e do Colombiano José María Torres Caicedo, ambos residentes na França. Para Torres Caicedo a expressão designava “[...] um movimento contrário à Política Pan-Americana dos Estados Unidos”. O vocábulo, contudo, foi popularizado pelos próprios estadunidenses durante a Segunda Guerra Mundial, quando recebeu significações pejorativas, passando a designar não uma força política contrária ao país do norte, mas um conglomerado de nações subdesenvolvidas (Bruit, 2000, p. 9).

⁹ “Marielitos” designa todos os que partiram de Cuba por meio do êxodo de Mariel. Por sua vez, “marielistas” é a terminologia indicada para identificar os escritores da Revista Mariel.

¹⁰ Segundo Rollemburg, “[...] o termo [terra de acolhida] é amplamente utilizado na literatura e nas instituições que se ocupam de refugiados para designar o país onde estes passam a viver. Entretanto, se a palavra ‘acolhida’ faz lembrar a solidariedade que muitas vezes esteve presente na recepção e no processo de adaptação à sociedade, ela também encobre ou atenua uma realidade bem mais complexa. [...] Se segmentos da sociedade se mobilizam para receber exilados políticos, outros agem em sentido contrário, identificando-os a ‘terroristas’ cuja estadia devia ser interditada” (Rollemburg, 1999, p. 49).

¹¹ Entre o triunfo revolucionário e o Êxodo de Mariel houve outras ondas de migração cubana para os Estados Unidos. A primeira, de 1959 a 1962, foi chamada de Exílio Histórico e abarcou cerca de 248.000 cubanos, em sua maioria brancos, de camadas superiores e médias da sociedade. A segunda onda, de

indignações, tornando-se representativa de sua condição, aos outsiders marielitas não culminava em identificação. Já subjugados por diferentes setores, submetidos em 1980 à categoria de *Status Pending*¹² e não reconhecidos por seus compatriotas, buscavam minimizar os descréditos que recaiam sobre eles: “não sou um latino de Manhattan, mas um cubano de Havanna”.

Além do trecho analisado, é possível encontrar no periódico outras formas de contestação às alteridades exílicas. Podemos observar, por exemplo, entrevistas com narrativas críticas à tradicional comunidade latina estabelecida na região de Miami, cujas mobilizações e petições serviam à instituição de leis que minavam os direitos dos exilados de 1980¹³. Os relatos do ativista Alex Oyanguren, veiculados no quinto número da revista, sintetizam tais certames. Ao denunciar uma associação entre os cubanos estabelecidos e os setores conservadores estadunidenses – tais como a cantora Anita Bryant e a coalizão *Save our children* –, o militante evidencia a existência de campanhas movidas pelo slogan “*Bring America back to God and morality*”, responsáveis pelo fim de políticas de proteção trabalhista que beneficiavam os marielitos.

Não obstante, o editorial apresentava ressalvas ao mercado literário reproduutivo dos estadunidenses¹⁴, ao mesmo passo que os seus diretores opunham-se ao conservadorismo de determinados grupos sociais identificados no exílio:

1965 a 1973, se efetuou por meio dos chamados *Freedom Flights* e chegou a transportar cerca de 260.000 cubanos (Duany, 2017, p. 6).

¹² Desde a criação da Lei de Ajuste Cubano em 2 de novembro de 1966, os emigrantes do país caribenho dispunham de privilégios nos Estados Unidos em relação a outros grupos migratórios. Não só podiam solicitar residência permanente com apenas um ano de estadia nas terras estadunidenses, como poderiam requerer em menos de três anos a cidadania norte-americana, dispondo ainda de imediata Permissão de Trabalho, um número de segurança social, benefícios públicos de alimentação e alojamento. Os marielitos foram os primeiros cubanos, em anos, a receber tratamento semelhante aos demais refugiados, sendo submetidos à análise e avaliações. Nesse contexto, o termo *Status Pending* é bastante esclarecedor quanto a mudança na operação de aceite, na qual não eram imediatamente reconhecidos como refugiados e não podiam usufruir dos benefícios que os predecessores desfrutaram (Rodríguez, 2003, p. 6).

¹³ MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, v. 1, n. 5, primavera 1984. p. 23. Disponível em: <https://americalee2.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>. Acesso em: 15 out. 2025.

¹⁴ MARIEL. *Revista de literatura y arte*, Nova York, v. 1, n. 1, primavera 1983. Disponível em: <http://americalee2.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>. Acesso em: 14 out. 2025. p. 2.

Irreverente, a revista se metia com todo mundo, rendia homenagens aos grandes escritores, desmascarava os hipócritas, combatia a moral burguesa prevalecente em Miami. Dedicamos um número ao homossexualismo em Cuba, incluindo entrevistas com pessoas que eram vítimas de preconceito de sociedades conservadoras e reacionárias, como as de Miami e de grande parte dos Estados Unidos¹⁵.

Diante do exposto, é possível afirmar que o movimento observado na revista é compatível com as afirmações de Tarcus, cujo trabalho evidencia que os intelectuais acumulam capital cultural e defendem posições de prestígio, não só com obras individuais, mas por meio de alianças e redes, que se reorganizam (Tarcus, 2020, p. 21). É claro que tais estratégias adotadas por muitos dos marielistas – com vistas ao resguardo de seu grupo diante de múltiplas forças sociais – não consistiam em um plano delimitado e coerente de ações, a ser seguido como uma bula. Não podem ser vistas como estruturas rígidas, sem espaço para o contingencial. Poderiam ser mais bem definidas como um agir entre sujeitos que viviam a história com indeterminação e que utilizavam dos recursos disponíveis para consolidar o devir que lhes interessava. São representativas de uma articulação de conhecimentos compartilhados e validados pelo grupo de dissidentes; de um avizinhamento entre os constituintes do êxodo em *redes de sociabilidade*.

Não obstante, essas ações intelectuais corroboram com a assertiva de que os periódicos constroem-se em uma relação crítica no que se refere a outros projetos ideologicamente orientados (Pita González; Grillo, 2015, p. 4). Opondo-se não apenas aos revolucionários – que os estigmatizaram em jornais oficiais como lumpemproletariados –, mas, também, aos estadunidenses e cubanos predecessores, cujos discursos relacionavam os marielitos à barbárie e à incivilidade, buscaram, por meio da *Revista de Literatura y Arte Mariel*, construir novas versões acerca do fenômeno,

¹⁵ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça*. Tradução de Silvia de Souza Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

seja trabalhando com a cultura popular, complexificando conceitos e ideias cristalizadas ou contestando grupos hegemônicos.

Entre procedimentos e técnicas: a materialidade em Mariel

De acordo com Pita González e Grillo (2015, p. 3), ainda que seja importante analisar a retórica dos escritores, a construção do texto e seus conteúdos, não devem ser menosprezados os procedimentos técnicos e materiais. Esses dispositivos permitem-no avaliar não apenas as estratégias de escrita, mas distinguir o que resulta das decisões editoriais. Nesse sentido, o espaço a seguir será destinado a análises voltadas ao estudo da organização financeira e circulação, da disposição imagética e da tipografia do periódico.

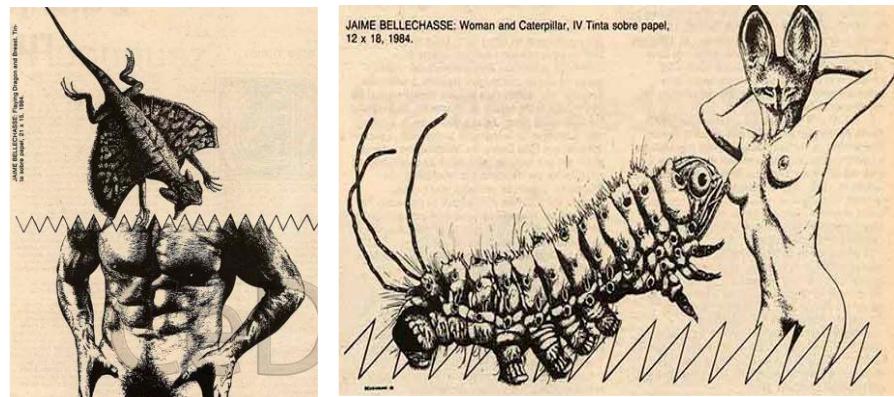
Assinada principalmente por bibliotecas universitárias e municipais nos Estados Unidos da América, a *Revista de Literatura y Arte Mariel* alcançou outras nações a partir do financiamento de 250 assinaturas pela Internacional Democrata Cristã (CDI) no ano de 1984. Distribuída entre senadores e deputados em localizações variadas no espectro político, circulou na Bélgica, Brasil, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, República Dominicana, Espanha, Peru, Argentina, Venezuela, Uruguai e Chile, ultrapassando, assim, as fronteiras estadunidenses (Drummond, 2018, p. 40-41).

Predominantemente financiada pelos próprios escritores do exílio o periódico recebeu apenas duas pequenas contribuições monetárias da *Cuban American National Foundation* (CANF), uma instituição sem fins lucrativos, criada por empresários de classe alta em Miami com o “[...] objetivo de ajudar a administração Reagan a formular uma política externa mais agressiva em relação à Cuba” (Drummond, 2018, p. 41). Ainda que o valor de US\$ 200,00 seja ínfimo, concordamos com a historiadora Caroline Drummond quando afirma que a doação é representativa dos usos políticos da revista. Não por acaso o periódico era assinado também pela Rádio Martí – responsável por transmitir uma programação opositora ao governo revolucionário desde a Flórida até a ilha.

De todo modo, tendo já evidenciado que o projeto não se trata necessariamente apenas da contestação revolucionária, seria incoerente avaliar a pertinência da revista literária apenas pela circulação ou por seus usos, uma vez que nem sempre condizem com as propostas do corpo editorial. Diante disso, pautamos a nossa análise na identificação de outros elementos, que serão abordados a seguir.

Ainda que o editorial no primeiro número da revista evidencie o êxodo de 1980 como uma parte expressiva do “mutilante pesadelo do castrismo”, apresentando os Estados Unidos como um país no qual podem se expressar e “[...] lançar sobre a inteligência e sensibilidade dos homens livres as peças mais esmagadoras da verdade [de Mariel]”¹⁶, é possível observar na trajetória do periódico – sobretudo a partir das imagens veiculadas – a flexibilização da narrativa que naturaliza Cuba como espaço opressivo e as terras estadunidenses como um ambiente de ampla liberdade de expressão. Observe como no quinto número da revista, dedicado a homossexualidade, a defesa da liberdade sexual encontra sentidos não apenas nas experiências vivenciadas na ilha caribenha, mas também no exílio.

Figura 1 – Imagens do quinto número da Revista de Literatura y Arte Mariel, 1984.



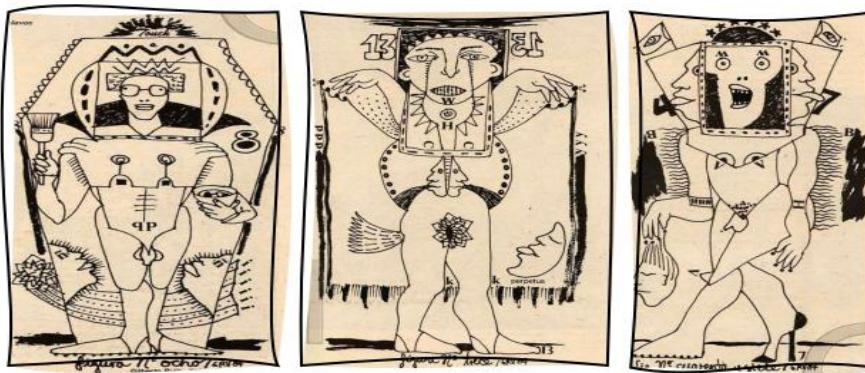
Fonte: reprodução¹⁷

¹⁶ MARIEL. *Revista de literatura y arte*, Nova York, v. 1, n. 1, primavera 1983. p. 2. Disponível em: <http://americalee2.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>. Acesso em: 14 out. 2025.

¹⁷ MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, v. 1, n. 5, primavera 1984. Disponível em: <http://americalee2.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>. Acesso em: 15 out. 2025.

Apesar de seguidas por um artigo que apresenta leis cubanas, em vigor durante a década de 1970, que atuavam em combate à homossexualidade, as imagens provocativas de Jaime Bellechasse colocam em parêntese também a realidade estadunidense, escrutinada no artigo intitulado “Retratos de um cubano gay em Miami”¹⁸. O texto não apenas evidencia a existência de campanhas anti-gay de amplo apoio popular – incitadas por setores conservadores nos Estados Unidos com vistas à revogação de leis que proibiam a discriminação com base em orientação sexual –, como foi veiculado ao lado de um cartaz de combate à violência e ao abandono estatal de grupos homossexuais do exílio. No oitavo número da revista, as imagens de Gilberto Ruiz mesclam ainda elementos da masculinidade e da feminilidade:

Figura 2 - Imagens do oitavo número da *Revista de Literatura y Arte Mariel*, 1985



Fonte: reprodução¹⁹

Ao veicular tais ícones, combinando elementos socialmente construídos ou como femininos ou como masculinos, a *Revista de Literatura y arte Mariel* embaçava as fronteiras do gênero. Associadas aos artigos, as imagens – que recebiam um espaço significativo nas páginas de Mariel – contrapunham-se a uma moral burguesa nos

¹⁸ MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 5. Primavera 1984. Disponível em: <http://americalee2.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>. Acesso em: 15 out. 2025.

¹⁹ MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, v. 1, n. 8, primavera 1985. Disponível em: <http://americalee2.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>. Acesso em: 15 out. 2025.

Estados Unidos, tal qual rechaçavam a falta de liberdade individual em Cuba²⁰. Logo, ainda que, no campo financeiro, os intelectuais marielistas tenham recebido o apoio mínimo de uma elite conservadora, a multiplicidade de temas tratados no periódico, a partir de discursos textuais ou imagéticos, estabelecem embates a este setor, abordando questões como gênero e sexualidade.

É importante ressaltar, ainda, os recursos de escrita. Sem apresentar cores, com trinta páginas em cada número e artigos dispostos em três colunas, as tipografias exercem papel relevante no periódico. Os títulos, por exemplo, sóbrios, em caixa alta e letras de impacto, buscam conferir credibilidade às novas verdades construídas acerca do fenômeno de Mariel:

Figura 3 - Tipografia dos títulos do periódico



Fonte: reprodução²¹

Apresentando duas tipografias distintas ao longo dos oito números publicados, as capas veicularam letras concretas, tal qual as versões que pretendiam ratificar. Serviam como discurso imagético de reafirmação dos infortúnios e resistências marielitas, sobretudo no que diz respeito ao desabrigo estatal, vivenciado em Cuba ou nos Estados Unidos.

Evidenciadas as críticas presentes no periódico – tanto em seu conteúdo quanto em sua forma –, é possível afirmar que a *Revista de Literatura y arte Mariel* permite

²⁰ MARIEL. *Revista de literatura y arte*, Nova York, NY. v. 1, n. 8, primavera 1985. Disponível em: <http://americalee2.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>. Acesso em: 15 out. 2025.

²¹ MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, v. 1, n. 1-8. Disponível em: <http://americalee2.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>. Acesso em: 15 out. 2025.

questionar a Revolução e o exílio cubano como unidades coesas e axiomáticas. Seu projeto é importante para demonstrar um ambiente dinâmico e controverso.

É evidente que o esforço de desconstrução dos estigmas sobre os marielitos efetuado pelos dissidentes intelectuais do exílio, recaía, majoritariamente, não sobre os novos enfrentamentos do desterro, isto é, a segregação e a marginalização induzidas por políticas e pelas ações dos estabelecidos estadunidenses, mas sobre um passado ainda presente, uma vivência que não era possível transpor, uma memória ainda não condicionada e, por isso, passível de ser legislada. Todavia, o periódico não estava livre das conjunções adversativas, das perspectivas comparativas, tornando-se muito mais representativo de realidades cindidas, vivências fragmentadas, experiências colocadas em hiato, do que de uma adesão absorta a qualquer partido.

Se há algo para ser notado nos silêncios é o fato de que os ideais responsáveis pela incorporação de muitos desses dissidentes à luta revolucionária em seu momento inicial, isto é, os princípios de emancipar-se, bater-se contra a injustiça e construir uma sociedade de iguais, não deixaram de ser defendidos por eles.

“A latina de América deve vir de lata”: os ideários da *Revista de Literatura y Arte Mariel*

Em seu texto “Redes intelectuais e projetos editoriais na América Latina”, José Luis de Diego demonstra como as publicações de uma determinada organização podem ser avaliadas não apenas como produtos de uma operação anterior. Ao contrariar o pressuposto de que as editoras encarnam ideários políticos e estéticos de um catálogo preestabelecido, o autor parte de procedimento inverso ao convencional, evidenciando as maneiras pelas quais as redes encontram na via editorial um “[...] modo de afirmar, incentivar e difundir um conjunto de ideias” (Diego, 2020, p. 71).

Diante disso, José Luis de Diego apresenta dois conceitos a partir dos quais os editoriais podem ser observados, quais sejam, as noções de *Americanismo* e de *Latino Americanismo*. O primeiro entendido como utopismo humanista e progressista na

América e o segundo sustentado pela *teoria da dependência*²², propiciador do conceito integrador de terceiro mundo, potencializado pela Revolução Cubana (Diego, 2020, p. 46).

A exemplo de Diego – que se empenha na análise de *Fondo, Ercilla e Sudamericana* – investigamos não uma editora, mas a *Revista de literatura y Arte Mariel*, situando os ideários do periódico dentro de um debate que distingue o americanismo e o latino-americanismo. Para isso, utilizamos o editorial da publicação, trechos de artigos marielistas e documentos dispersos.

Ainda que em recortes (temático, geográfico e temporal) bastante distintos, a *Revista de literatura y arte Mariel* – veiculada a partir de 1983 – guarda profundas semelhanças em relação as diretrizes que guiaram o *Fondo de Cultura Económica*. Identificada como uma instituição de vocação americanista por Diego, a organização mexicana, pelo menos desde 1964 tinha como diretrizes públicas oferecer um serviço cultural; ser guiada pela ética editorial e contra a moda comercial; conduzida por uma aspiração humanista, e manter-se fiel à noção de Iberoamérica. Observe como os editores de *Mariel* apresentam proposta semelhante em seu editorial:

La revista Mariel, que en este primer número ha sido totalmente financiada por quienes llegamos hace tres años a Norteamérica, tendrá en primer lugar la finalidad de servir de vehículo a los escritores y artistas de la generación de Mariel [...]. No hemos venido al exilio con esquemas de bienestar [...] hemos venido a realizar nuestra obra. También bajo el capitalismo muchos escritores caen en la trampa de convertir su obra en una mercancía que les permita vivir holgadamente. De creadores pasan al plano de productores. De ahí los peligros muy evidentes que conspiran en la actualidad contra la verdadera obra de arte: el mercantilismo de la creación en Occidente y el burocratismo de la llamada cultura en los países comunistas [...]

²² De acordo com Graciolli e Duarte “[...] a Teoria da Dependência desenvolve-se no quadro histórico latino-americano do início dos anos 1960, como uma tentativa de explicar o desenvolvimento socioeconômico na região, em especial a partir de sua fase de industrialização, iniciada entre as décadas de 1930 e 1940. Surge a partir da crise verificada nas teorias desenvolvimentistas e como resposta às análises que viam no processo de desenvolvimento da economia latino-americana a possibilidade de se construir na região um capitalismo autônomo a partir de um *continuum* evolutivo (Graciolli; Duarte, 2007, p. 9).

Toda obra de arte es un desafío, y por lo tanto, implícita o explícitamente, es una manifestación – y un canto – de libertad²³.

No editorial de Mariel quase todas as diretrizes encontram correspondência àquelas enumeradas por *Fondo*. São evidentes não apenas a perspectiva da obra como um bem público e a oposição a um viés mercantil, como também encontramos pretensões de ordem humanista. Não obstante, esse caráter humanista aparece ainda em um comunicado direcionado a ONU, escrito pelo editor Reinaldo Arenas e por Carlos Franqui em março de 1983:

A Revolução Cubana nascida no calor da luta pela liberdade teve a princípio um caráter humanista, não comprometido com a ideologia comunista e sim com as metas de pão sem terror, pão com liberdade, o que valeu o apoio de quase todo o mundo. Mas essa jovem Revolução, da qual hoje só se conserva o mito, foi asfixiada pela camisa de força soviética e pela ambição militarista de Fidel Castro²⁴.

Ao tecer elogios a uma postura nacionalista que teria guiado a Revolução em seus anos iniciais, os intelectuais cubanos denunciavam nos ideais comunistas uma ambição militarista, criticando, assim, a radicalização política, isto é, a transição de um socialismo reformista à via armada. É possível afirmar, desse modo, que tanto nas páginas da Revista Mariel quanto em escritos dispersos, o viés humanista – intimamente ligado ao *Americanismo*, consolidado a partir da Revolução Mexicana de 1910 (Diego, 2020, p. 46) – estava presente na prática discursiva de seus editores. De todo modo, não reivindicavam ou fomentavam a noção de iberoamérica própria desse ideário. Concomitantemente, questionavam o ideário latino-americano:

O que latino-americano quer dizer exatamente? [...] Hispanoamérica, Iberoamérica, América Latina – a última combinação, a mais sonora e a mais absurda. O que quer dizer aqui o adjetivo latino? Que

²³ MARIEL. *Revista de literatura y arte*, Nova York, v. 1, n. 1, primavera 1983. p. 2. Disponível em: <http://americalee2.cedinci.org/portfolio-items/mariel/> Acesso em: 14 out. 2025.

²⁴ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho (1967- 1990)*. Sevilla: Point de lunettes, 2010. p. 395.

habitamos o Lácio [região da Itália central]? Que somos descendentes de Roma, filhos do romance? A Latina de América deve vir de lata porque é isso que parece. Muitas vezes me dizem que sou um escritor latinoamericano e embora aceite ser descrito como um escritor, não posso admitir que me chamem de latino²⁵.

Enquanto revistas e editoras como a *Sudamericana*, no limiar da década de 1960, abraçaram a perspectiva latino-americana – devido tanto a potência quanto a novidade do conceito –, na década de 1980 Mariel questionava enfaticamente essa chave de leitura da realidade. Seja pelas comuns depreciações ao termo nos Estados Unidos – como demonstrado no primeiro item – ou pelas aproximações do conceito à experiência revolucionária em Cuba, a intelectualidade marielista recusava-se também a tratar com naturalidade a ideia de *latino-americanismo*.

Observe, ainda, que, enquanto editoras latino-americanistas na década de 1960 apostavam na captação de obras como *Cien años de soledad*, a *Revista de literatura y arte Mariel* recusava-se a reafirmar o cânone literário, estabelecendo críticas aos escritores do Boom, sobretudo a Gabriel García Márquez. Nesse interim, se as revistas latino-americanas da década de 1960 e do início da década de 1970 vieram questionar os autores e obras consagradas, postulando um compromisso com a narrativa experimental (Tarcus, 2020, p. 22), os marielistas buscaram também estabelecer um contracânone (Ette, 1986, p. 81), reorganizando mais uma vez a relação entre história e ficção; partindo de outros autores e epistemologias.

Em conclusão, a *Revista Mariel* não parece facilmente enquadrar-se nas categorias de um projeto *americanista* ou *latino-americanista*, ainda que dialogue de modo tenso e produtivo com ambas as tradições. Nesse contexto, o periódico emerge como espaço de expressão para escritores migrantes, intelectuais nômades e sujeitos em trânsito, cujas obras desenham-se na interseção entre o exílio, a dissidência e a invenção estética. Nesse sentido, a revista deve ser compreendida em sua pluralidade constitutiva,

²⁵ MARIEL. *Revista de literatura y arte*, Nova York, v. 1, n. 5, primavera 1984. p. 3. Disponível em: <http://americalee2.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>. Acesso em: 15 out. 2025.

marcada por contradições, ambiguidades e gestos de ruptura, que exigem uma abordagem atenta às dinâmicas próprias de seu contexto de produção e circulação.

Considerações finais

A partir de conceitos como *intelectualidade* e *americanismo* – de Jean-François Sirinelli e José Luis de Diego – e apoiada nas noções e métodos de análise apresentados por Pita González, Grillo e Tarcus, observamos a *Revista de Literatura y Arte Mariel*.

Inicialmente, evidenciamos que a afirmação de novas versões acerca do fenômeno de 1980 foi realizada por meio de alianças, isto é, *redes de sociabilidade*, por meio das quais os intelectuais defenderam posições de prestígio. Não obstante, em uma análise a contrapelo, identificamos um projeto que se institui em relação não apenas aos revolucionários, mas a múltiplas alteridades exílicas.

Em um segundo momento, investigamos aspectos não retóricos da publicação, como os procedimentos adotados na circulação, financiamento e feitura. A partir disso, empreendemos uma análise material, destacando não apenas as formas pelas quais a revista foi apropriada por terceiros, mas as decisões editoriais. Escrutinando as imagens veiculadas, bem como a sua disposição, apontamos que os intelectuais atuantes em Mariel eclipsavam as fronteiras do gênero, combatendo, além das forças castristas, a moral burguesa estadunidense.

Por fim, situamos o periódico no âmago de uma discussão que distingue o americanismo e o latino-americanismo. Averiguando como são abordados na revista, a lógica mercantil e o humanismo, realizamos comparações, aproximações e distanciamentos em relação a ambos os conceitos.

Notas sobre a autoria

Ualisson Pereira Freitas é Doutorando em História na Universidade Federal de Goiás (PPGH/UFG), onde desenvolve pesquisa na área de "Cultura, Fronteiras e Identidades" com financiamento CAPES. Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia (PPGHI/UFU) em 2024 e graduado em História (licenciatura/ bacharelado) pela mesma

instituição em 2021. Foi bolsista do Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Pontal (CEPDOMP) e do Programa de Educação Tutorial (PET-HIST). Tem interesse nas áreas de História intelectual, História das Américas, Revolução Cubana, Literatura e Memória no século XX.

Referências

Documentos

ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça*. Tradução de Silvia de Souza Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho (1967- 1990)*. Sevilla: Point de lunettes, 2010.

MARIEL. *Revista de literatura y arte*, Nova York, v. 1, n. 1, primavera 1983. Disponível em: <http://americalee2.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>. Acesso em: 14 out. 2025.

MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, v. 1, n. 5, primavera 1984. Disponível em: <http://americalee2.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>. Acesso em: 15 out. 2025.

MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, v. 1, n. 8, primavera 1985. Disponível em: <http://americalee2.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>. Acesso em: 15 out. 2025.

Bibliografia

BRUIT, Hector. *A invenção da América Latina*. Belo Horizonte: ANPHLAC, 2000. Disponível em: http://antigo.anphlac.org/sites/default/files/hector_bruit.pdf. Acesso em: 22 out. 2024.

DIEGO, José Luis de. *Projetos intelectuais e redes editoriais na América Latina*. Traduzido por Ana Elisa Ribeiro, Sérgio Karam. Belo Horizonte: Moinhos: Contafios, 2020.

DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel - Revista de Literatura y Arte" (1983-1985)*. 2018. 203 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

DUANY, Jorge. Cuban Migration. *Migration Information Source*, 2017. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/cuban-migration-postrevolution-exodus-ebbs-and-flows> Acesso em: 13out. 2024.

ETTE, Ottmar. La revista Mariel (1983-1985): acerca del campo literario y político actual. In: BREMER, Thomas; RIVERO, Julio Peñate. *Hacia una historia social de la*

literatura latinoamericana: Actas - Asociación de Estudios de Literatura y Sociedad en América Latina, 1985, t. 2; Giessen: Neuchatel, 1986. p. 81-95.

GRACIOLLI, Edilson José; DUARTE, Pedro Henrique Evangelista. A teoria da dependência: interpretações sobre o (sub)desenvolvimento na América Latina. In: COLÓQUIO MARX E ENGELS, 5., 2007, Campinas. *Anais [...]*, Campinas, 2007.

MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)*. 2009. 276 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, DF, 2009. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/4253/1/2009_RickleyLeandroMarques.pdf Acesso em: 18 out. 2024.

MIGNOLO, Walter D. *The idea of Latin America*. Oxford: Blackwell, 2005. [trad. castellano la idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa, 2007].

PITA GONZÁLEZ, Alexandra; GRILLO, María del Carmen. Una propuesta de análisis para el estudio de revistas culturales. *Revista Latinoamericana de Metodología de las Ciencias Sociales*, v. 5, n. 1, p. 1-31, 2015. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.6669/pr.6669.pdf Acesso em 11 out. 2024.

PLUET-DESPATIN, Jacqueline. Contribución a la Historia de los Intelectuales: Las revistas. *Américalee - El portal de publicaciones latinoamericanas del siglo XX*, 1992. ISSN: 2545-823X. Disponível em: www.americalee.cedinci.org Acesso em: 16 set. 2024.

RODRÍGUEZ, Miriam. Las relaciones Cuba-Estados Unidos: migración y conflicto. CEMI, Centro de Estudios de Migraciones Internacionales, La Habana, Cuba, 2003. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cuba/cemi/cuba_eeuu.pdf Acesso em: 26 set. 2025.

ROLLEMBERG, Denise. Exílio: refazendo identidades. *História Oral*, v. 2, 1999. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/9> Acesso em: 29 out. 2024.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46-60.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *América: Cahiers du CRICCAL*, n. 9-10, p. 9-16, 1992,

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-271.

TARCUS, Horacio. *Las revistas culturales latinoamericanas: giro material, tramas intelectuales y redes revisteriles*. Temperley: Tren en movimiento, 2020.

VALDÉS, Eduardo Devés. La circulación de las ideas y la inserción de los científicos económico-sociales chilenos en las redes conosureñas durante los largos 1960. *Historia*, v. 2, n. 37, p. 337-366, jul./dec. 2004.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. *Revista brasileira de História da Educação*, n. 16, jan./abr. 2008.